SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de B...!

ANO XXVII
OUTUBRO DE 1971
N.º 318

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

AS GRANDES REUNIÕES ESCOTISTAS MUNDIAIS

NA CONFERÊNCIA MUNDIAL DO ESCOTISMO

ESTIVERAM REPRESENTADOS 77 PAÍSES, ENTRE OS QUAIS PORTUGAL

Conforme anunciámos, de 11 a 17 de Agosto reuniu em Tóquio a 23.ª Conferência Mundial de Escotismo, cujo tema principal foi o «Escotismo para o desenvolvimento», com a presença de 318 delegados de 77 países e organismos escoteiros regionais e mundiais, que com as suas esposas e outros acompanhantes totalizavam 365 pessoas, além da equipa auxiliar japonesa, da qual faziam parte duas jovens guias que falavam português, pois estudam no Instituto Luso-Brasileiro de Tóquio. Os delegados portugueses foram o Eng.º José Maria Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral-adjunto dos Escoteiros de Portugal; Rev. Padre Américo Ferreira Alves, escoteiro-chefe-regional (Braga) do Corpo Nacional de Escutas, e Manuel Rodrigues, como observador, chefe ajudante do Grupo do Dondo (Moçambique) dos Escoteiros de Portugal. A participação de Portugal ficou-se a dever à iniciativa destes dedicados dirigentes escoteiros, que custearam as próprias despesas.

A conferência foi inaugurada pelo Imperador do Japão, que teve palavras de apreço para o Movimento Escotista. Estiveram presentes ministros do governo japonês, membros do corpo diplomático, bem como altas individualidades japonesas e de organismos mundiais.



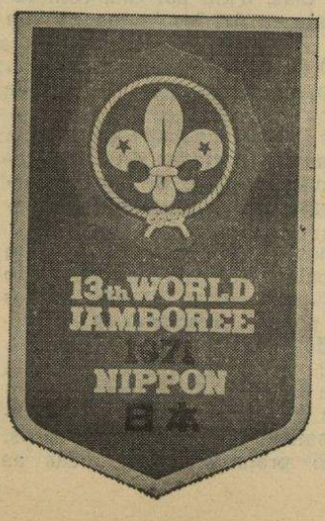
Um aspecto da Sala do Hotel Prince, em Tóquio, quando ali se realizava uma das sessões da 23.ª Conferência Mundial do Escotismo

Programa da Conferência

O local da reunião foi o Hotel Prince, e a Conferência foi presidida por C. D. Green, oficial da Ordem do Império Britânico, tendo como vice-presidentes os srs. A. C. Delgado, das Filipinas, e Saburo Matsukata, do Japão Foram apresentados e discutidos os relatórios do Secretariado Mundial e dos secretariados regionais interamericano, da Europa, da África e da região Ásia-Pacífico, bem como todos os relatórios respeitantes às actividades e comissões que se ocupam dos diversos sectores do Escotismo Mundial. Destacou-se um estudo com vista ao desenvolvimento do Escotismo nos próximos cinco anos, com um ambicioso plano de acção e de formação de chefes.

Foram apreciados os resultados do inquérito, à escala mundial, a caminheiros, bem como as conclusões do Fórum dos Escoteiros realizado na semana anterior no Jambori Mundial, culminando, assim, os fóruns nacionais realizados durante este ano. Apresentaram as conclusões cinco escoteiros escolhidos nessa reunião, representando o Japão, França, Estados Unidos, México e Filipinas. Os debates incidiram principalmente sobre os problemas eco-

Continua na pág. 5



O XIII JAMBORI MUNDIAL

O nosso correspondente Manuel Rodrigues relata as suas impressões da viagem ao Japão e da forma como decorreu a grande festa do Escotismo.

(Ler reportagem na página 4)

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO

Estudo sobre os exercícios físicos e os desportos e a sua influência sobre a saúde física e psíquica

(Continuamos a transcrever da revista «Estudos», dirigida pelo nosso bom amigo e assinante sr. dr. Francisco Cortez Pinto, este valioso estudo acerca da cultura física).

II

Os exercícios físicos durante a idade adulta

Neste período da vida, os exercícios já serão, sobretudo, desportivos. Seguir-se-ão, como conclusão lógica, aos exercícios praticados durante a infância e a adolescência.

Estes exercícios compreendem:

1.° — Os grandes jogos desportivos: râguebi, ténis, hóquei, golfe, pólo, etc.

2.° — Os desportos atléticos (corridas de todos os géneros, boxe, luta, natação, remo, lançamentos diversos, halteres, etc). Do mesmo modo que no fim do período da adolescência, no começo deste período, o educador deve ter por fim a realização do tipo de atleta completo, quer em força, quer em fundo, quer na velocidade. Depois, espontâneamente, em virtude das disposições novas ou de tendências individuais, nascerá quase fatalmente a especialização.

A partir deste momento, entramos no domínio do desporto individual. Cada indivíduo escolhe o seu exercício, para o qual sente aptidões especiais e que lhe dá prazer e saúde. Não esqueceu os movimentos educativos da adolescência; pratica-os todos, mas prefere sempre as diversões desportivas, repousantes, que o distraem das suas ocupações profissionais.

Existe uma técnica desportiva, baseada na fisiologia e que alguns atletas, sobretudo os americanos, têm aperfeiçoado muito, há mais de quarenta anos; entre os desportos, uns cultivam a técnica mínima (as corridas) e outros a técnica máxima (saltos à vara, lançamentos de disco, etc.); para os primeiros, o principal desejo é a influência para a constituição do atleta; para os segundos, o desejo é o do aperfeiçoamento da técnica.

Seja como for, as melhores exibições são as realizadas pelas pessoas mais bem treinadas. Não se deve fazer desporto ao acaso; é necessário que as sociedades desportivas tenham o seu mestre de treino, como existe nas próprias universidades americanas. Os grandes desportistas, nunca se fizeram ao acaso!

Importa que a opinião pública compreenda a grande importância que a educação física, coroada pelos desportos e atletismo, pode exercer, não só sobre a saúde individual, como na saúde pública. Os desportos, razoàvelmente praticados, representam talvez o meio mais eficaz que temos para lutar, no meio dos jovens, contra o alcoolismo e contra os excessos da juventude, que tanto mal fazem à sua constituição futura; a influência benéfica dos grandes desportos é manifesta; em um século transformaram a raça inglesa. Quando agora lemos o engraçado romance «Mister Pickwick» e quando se percorrem as estampas e as caricaturas do tempo antigo e aí vemos os bons burgueses pancudos, fumando o seu cachimbo e devorando os seus «beef-steaks», admiramo-nos como deixaram a geração dos elegantes e tenazes desportistas e dos soldados que fizeram a Grande Guerra, bem como dos desportistas e aviadores de hoje. Os ingleses, sobretudo, que mais cedo começaram a praticar os desportos, são os que mudaram mais completamente o seu complexo anatómico, tornando-se, de gordos, em musculosos e magros, devido aos desportos. Vamos a seguir estudar a prática de alguns desportos, nos adultos.

Marcha a pé

Há muitas pessoas sedentárias, a quem os trabalhos de gabinete os fixam durante muito tempo às suas poltronas de trabalho, durante semanas, meses e anos. Não têm oportunidade para moverem os músculos; isto produz-lhes um estado de anemia e um enfraquecimento progressivo que, com o tempo, chega a alarmar as pessoas de família.

Estão então indicados os tónicos, que não vencem nem a anemia, nem a depressão nervosa; mas se começarem a fazer, diàriamente de manhã e à tarde, passeios, mesmo que não sejam compridos, dentro de pouco tempo, ficam surpreendidos por verem que os tónicos já lhes dão resultados, que aumenta a sua boa disposição e motivos de alegria; então, convencidos, já aproveitam os dias feriados, para aumentarem os passeios, e a sua saúde melhora. Um meio muito aconselhável, nas grandes cidades, é o de subirem de elevador, até mesmo aos andares mais altos, mas descerem sempre a pé, o que mobiliza os músculos das pernas e é um excelente exercício que não fatiga o coração e por isso muito recomendável às pessoas de idade.

Sob a influência do trabalho muito moderado, que representa a marcha a pé, há um alimento indispensável que é absorvido em abundância, que é o oxigénio, que o sangue fixa em abundância, o que provoca uma solicitação geral da nutrição; as combustões tornam-se mais intensas, o organismo funciona melhor e toda a anatomia se ressente de uma irrigação feita com sangue mais oxigenado.

Este exercício mobiliza dois terços das massas musculares de todo o corpo; a sua actuação é moderada mas faz absorver uma quantidade de oxigénio importante, de que o apelo é solicitado pelo próprio funcionamento dos nossos músculos.

Alguns dados numéricos, sobre as trocas respiratórias de um adulto, saudável, em repouso e durante uma marcha em ritmo pouco intenso, dão uma melhor ideia da acção fisiológica da marcha:

Em repouso: — 4 a 5 litros de ar atravessam os pulmões em um minuto. Ao mesmo tempo, absorve 220 a 250 centímetros cúbicos de oxigénio e elimina, pela respiração, 200 a 210 centímetros cúbicos de gás carbónico.

Durante a marcha de 5 km à hora: — 10 a 20 litros de ar atravessam os pulmões em 1 minuto, e 700 a 800 cc de gás carbónico são eliminados.

O comprimento do passo é proporcionado, menos à estatura do tronco, do que ao comprimento dos membros inferiores; é, em média, de 0,70 para um homem de menos de 45 anos e de estatura comum.

Quando uma pessoa carrega com um fardo, o seu passo é mais curto e o seu ritmo é mais lento e quanto maior é o peso, mais se encolhe o passo; é mais longo na descida que na subida.

O passo é também, tanto mais comprido, quanto mais baixo são os tacões dos sapatos.

Sob o ponto de vista da atitude dos marchadores, uns preferem a atitude em extensão, caracterizada pelo tronco direito durante toda a marcha; outros, a de flexão.

A marcha em semiflexão é a marcha normal do homem, que é natural da estática do seu esqueleto e dos seus músculos; é a que empregam os soldados e o Sr. Manouvoier demonstra que era também a do homem pré-histórico, o que concluiu pela forma dos esqueletos primitivos; a marcha, um pouco inclinada, para a frente, é a que facilita a diminuição do choque do tacão sobre o solo, em virtude do grande número de articulações semiflectidas, que se movimentam desde o pé à base do crânio; o abalo da repercussão no sistema nervoso diminui paralelamente e a fadiga só aparece mais tardiamente.

As marchas mais lentas, são mais dispendiosas, em virtude do fraco rendimento obtido, proporcional à quantidade de oxigénio absorvido; as marchas mais vivas elevam muito a percentagem de consumo de exigénio, para um fraco ganho de velocidade.

No decurso da marcha, produz-se sempre uma diminuição de peso; ela traduz, em uma pessoa saudável, o gasto fisiológico causado pelo trabalho muscular. A diminuição provém:

1.° — Da maior evacuação dos dejectos (urinas, matérias fecais).

2.° — Da secreção sudoral.

3.° — Da evaporação de água, pelos pulmões.

Durante o exercício, o suor e a urina são mais abundantes. Além disso, por causa da aceleração da respiração, a quantidade de água evaporada pelos pulmões é mais elevada do que em repouso. As funções sudorípara, renal e respiratória proporcionam o seu funcionamento à intensidade do trabalho muscular; por fim, a defecação acompanha frequentemente as primeiras fases de um exercício prolongado.

Um indivíduo de 25 anos, vigoroso e não treinado, percorrendo uma distância de 24 quilómetros, perde 1900 g do seu peso, fazendo descansos de 10 minutos depois de cada 50 minutos, salvo um descanso de meia hora depois de 18 quilómetros.

Pelo contrário, ele perde 1100 g do seu peso, se escalonar os descansos da seguinte maneira, que é mais económica:

Tempo de marcha	Tempo de repouso	Distância percorrida
30 minutos	10 minutos	2500 metros
50 »	10 »	4500 »
40 »	10 »	3500 »
40 »	10 »	3500 »
40 »	30 »	3500 »
40 »	10 »	3500 »
33 »	chegada	3000 »

Total: — 273 minutos de marcha para 80 de descanso.

Quando se prescreve uma marcha, que é um tratamento precioso nas várias perturbações da saúde, que atacam os sedentários, deve fraccionar-se sempre o exercício; quanto mais o doente está enfraquecido, menos longas serão as distâncias a percorrer e mais os tempos de descanso. Por exemplo, para um homem de 50 anos que passa no seu gabinete cerca de 6 a 7 horas por dia e que pode ter um mês de férias por ano, ao ar livre, aconselhar-se-ia:

Durante 6 dias, 6 km por dia, com repousos intercalares de 6 minutos no fim de cada km.

Durante 10 dias seguintes, 8 km por dia, com descanso de 5 minutos, depois de cada km.

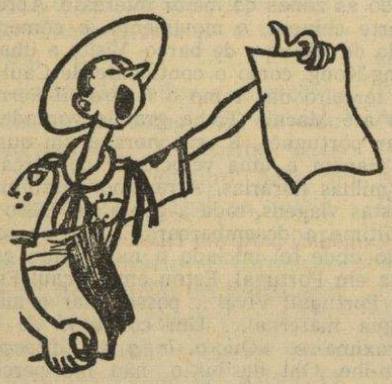
Durante os 15 dias seguintes, marcha de 2 horas, na manhã, cortadas de 3 descansos de 10 minutos cada e, de tarde, marchas de 2 horas, com as mesmas interrupções.

Os terrenos ascendentes aumentam muito o trabalho do coração. Não são aconselháveis acima dos 45 anos; antes desta idade, podem prescrever-se, sobretudo misturados com os terrenos planos.

A marcha, sem competição, praticada inclinado para a frente, fraccionada e proporcionada às forças de cada um, aconselhada judiciosamente, conforme os casos, é o exercício preferível para todas as pessoas.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS DUZENTAS ASSINATURAS!



A nossa campanha para mais 200 assinaturas continua a desenvolver-se e, embora não seja com aquele êxito que desejaríamos, o número das adesões vai aumentando com segurança. Esboça-se sobretudo uma manifestação de apoio dos grupos de escoteiros, que registamos com muita satisfação.

Coube agora a vez ao Grupo n.º 44 de Vila Nova de Gaia, que através do seu Escoteiro-Chefe, o nosso Amigo sr. Joaquim da Rocha Saraiva, nos envia as assinaturas dos dirigentes srs. António Fernandes Martins Barbosa, digno Presidente da Direcção daquela unidade, e Carlos Manuel da Silva Barreira, Chefe de Clã. Boa orientação, sem dúvida, pois desejaríamos que todos os dirigentes escoteiros pudessem ler « Sempre Pronto ».

O Grupo n.º 39, activa e florescente unidade de Benguela, continua a marcar posição de muito relevo nesta campanha. O seu Escoteiro-Chefe, o nosso Amigo e colaborador sr. Manuel Nunes Pereira, remete-nos as assinaturas dos srs. Dr. Teófilo Augusto Gonçalves, Sérgio Luís Branco Roque, D. Júlia Maria Brito de Sá Viegas e D. Rosa Maria da Silva Antunes Augusto. Também o antigo escoteiro, presentemente a residir na Alemanha, sr Manuel Branco Seno, quis participar na campanha inscrevendo-se como assinante. Portanto, aos 50 novos assinantes registados, devemos somar mais 7, total 57 Este é já um número interessante, mas estamos ainda longe do nosso alvo e, por isso, precisamos de mais e novas adesões. Ajude-nos o prezado Leitor!

Aos novos assinantes e seus proponentes, apresentamos os nossos agradecimentos.

* * *

A remessa directa do valor das assinaturas representa também um valioso auxílio a este jornal. O nosso Amigo sr. Manuel Nunes Pereira, de Benguela, enviou-nos 500$00 para pagamento da sua assinatura de patrocínio de 4 anos. O nosso dedicado Amigo sr. António de Jesus Brito, de Luanda, remeteu o valor da sua assinatura de patrocínio e ainda da assinatura que oferece anualmente a um escoteiro do seu antigo grupo: o n.º 6, de Olhão. Muito gratos estamos.



Joaquim Santos Mendes

Em 28 de Setembro passado, faleceu o nosso dedicado assinante e antigo escoteiro do Grupo n.º 5, de Lisboa, sr. Joaquim dos Santos Mendes, tendo o seu funeral sido realizado no dia seguinte para o cemitério de Benfica, com a presença de muitos amigos do extinto e representantes do seu grupo de escoteiros.

À família em crepes e aos companheiros do Grupo n.º 5 apresentamos sentidas condolências.

Abel Henrique dos Santos e Silva

Em 30 de Setembro passado, realizou-se o funeral do sr. Abel Henrique dos Santos e Silva, de 77 anos de idade, viúvo, pai da sr.ª D. Ema Dulce Pais dos Santos e Silva e do sr. Joel dos Santos e Silva.

O extinto foi escoteiro e chefe do Grupo n.º 1 dos Escoteiros de Portugal. À família enlutada, particularmente a seu filho, que foi também escoteiro do Grupo Um, bem como a seu irmão, Sr. Ernesto dos Santos e Silva, apresentamos sentidos pêsames.

Escotismo de extensão

Do Núcleo «A» de Lisboa dos Escoteiros de Portugal recebemos um ofício, com data de 6 de Setembro passado, no qual o seu Chefe nos manifesta a sua gratidão pelas reportagens e entrevistas que temos publicado acerca das actividades do Ramo de Extensão a cargo do referido Núcleo.

Agradecemos as palavras de simpatia formuladas, mas não fizemos mais do que prosseguir no nosso objectivo de ser úteis ao Escotismo, dando franco acolhimento a tudo que possa servir o Movimento e servir a Juventude.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DE VIAGEM — Antes de partir para a Alemanha em viagem particular, teve a gentileza de nos apresentar cumprimentos o nosso estimado assinante patrocinador sr. Wolfgang Karl. Agradecemos, desejando que tenha tido uma excelente viagem e regressado da melhor saúde.

XXXIX Poemeto filatélico

Diante dos selos que nos recordam os escultores portugueses Costa Mota, Teixeira Lopes, Francisco Franco, Rui Carneiro...

Perguntado o que fazia,
com seu fogo crepitante,
num bloco de pedra fria,
Miguel Ângelo, o artista
de inspiração fulgurante
nunca sonhada nem vista,
ocupado em desbastar
esse pedregulho inculto,
respondeu: «vou libertar
um anjo, na pedra oculto»...
(com ele estava a sonhar).

*

Desde os Gregos gloriosos
vai crescendo o excelso rol
de trabalhos primorosos
do cinzel em mãos de escol.

A pedra tão dura e esquiva
(num julgamento só meu)
vai-se revelando viva,
pelo génio que a venceu

*

Também nós, pequeno povo,
(pequeno? Grande no mar!)
fomos notável renovo
dum arborescer sem par.

Velhos e novos eu uno,
de entusiasmo tomado,
desde o escultor do «São Bruno»
até ao do «Desterrado».

Oxalá, da mocidade
atreita à «contestação»
nesta ruidosa arena,
surja agora nova idade,
com cinzel, paleta ou pena,
com beleza e com verdade
e divina inspiração!

EDUARDO MOREIRA

Publicações escoteiras no Brasil

Registamos e agradecemos a amável remessa dos seguintes boletins copiografados, editados por diversos grupos de escoteiros do Brasil: «*Escoteiro do Planalto*», da Região do Distrito Federal; «*Nhengaba*» do Grupo Duque de Caxias, de São Paulo; «*O Quero Quero*», de Pelotas; «EU AMÉRICA DO SUL», do Clã Distrital L. P. D. de Goiânia.

Portugal também esteve no XIII Jambori Mundial

MANUEL RODRIGUES, nosso correspondente em Moçambique, conta-nos as suas impressões sobre a grande actividade

Uma festa maravilhosa

Manuel Augusto Rodrigues, escoteiro-chefe adjunto do Grupo de Escoteiros da Lusalite, no Dondo, em Moçambique, e nosso dedicado colaborador e correspondente, esteve durante alguns dias em Lisboa, de regresso do XIII Jambori Mundial, que se realizou, de 2 a 9 do passado mês de Agosto, nas maravilhosas faldas do Monte Fuji, na Prefeitura de Shizuoka, no Japão.

Satisfeitíssimo — é o termo ideal para retratar o estado de espírito deste representante dos Escoteiros de Portugal naquela grande reunião, quando nos encontrámos com ele para que relatasse o que foi a viagem e a sua estadia no famoso acampamento mundial escotista.

— Foi uma festa maravilhosa! — foi a primeira exclamação quando tocámos no assunto. — Das maiores, senão a maior das que tenho visto. No âmbito escotista, foi simplesmente a maior de sempre. Talvez, mesmo, eu não saiba descrever tal grandiosidade. Escoteiros, novos e velhos, de 93 países, verteram muitas e comoventes lágrimas. Vi pessoas retirarem-se da cerimónia de encerramento a chorar de tal maneira que não podiam suportar mais esta manifestação de fraternidade, por ser de facto... uma manifestação de Fé, de mútua compreensão, onde não havia fronteiras ou países diferenciados. Todos eram escoteiros de um só povo. Brancos, pretos, asiáticos, todos se abraçavam e beijavam. Todos comungaram em fraternidade!

Foram estas as primeiras palavras de Manuel Rodrigues. Logo a seguir nos disse que, se fosse a contar tudo o que presenciou e lhe tocou a alma, não chegavam muitos «Sempre Prontos» para o descrever.

A viagem de Moçambique para o Japão

— Talvez seja melhor — diz-nos ele — contar-lhes cronològicamente os factos, senão corro o risco de baralhar tudo. Vêm-me à mente imagens misturadas e, ao descrevê-las, posso baralhar tudo e deturpar a realidade.

E começa então a desfiar as suas recordações:

— Andei anos a pensar na ida ao Jambori. Juntei dinheiro para a passagem, amealhando quanto me era permitido. Durante algum tempo, privei-me de diversões e depois adiei por um ano as férias que me são concedidas pela empresa onde trabalho, para as fazer coincidir com a data do Jambori. Tentei angariar alguns subsídios e foram-me concedidos dez contos pelo jornal «Notícias da Beira» e mais cinco pela Casa do Pessoal da Lusalite, a que está ligado o nosso grupo de escoteiros. Foi um auxílio substancial, pois só a viagem custou cerca de 54 contos, mas, claro, sempre se gasta mais, como seja na estadia em diversos locais do itinerário, pontos de interesse que desejava conhecer, para o que quis aproveitar a ocasião, a inscrição no Jambori, na aquisição de lembranças e noutros pequenos «extras», que sempre nos levam algum dinheiro, para o que temos de estar prevenidos.

E prossegue:

— Uma viagem, como a que fiz, leva muito tempo a organizar. Ganhei muita experiência com a sua preparação. Comecei a tratar dela dois meses antes do embarque. Mas este tempo é curto, pois que, infelizmente, onde vivo, embora seja uma cidade com muitas agências de viagem, verifica-se que ainda não há experiência suficiente para tratar de viagens como esta. A última semana que passei na cidade da Beira foi um correr constante às agências, bancos, consulados, conselho de câmbios, etc. Se não possuísse um temperamento



Portugueses presentes no 13.º Jamboree Mundial, junto da bandeira nacional ali erguida: o nosso correspondente Manuel Rodrigues, os Rev.os Padre Américo Ferreira Alves e Padre Miguel, Manuel Faria e Joaquim Farinha

paciente e uma vontade férrea de ir ao Jambori, tinha desistido. Enfim, um dia, 23 de Julho, encontrei-me finalmente dentro do avião em que inicio a viagem. Muitos escoteiros do meu grupo e dos grupos da cidade da Beira foram ao aeroporto despedir-se de mim, desejando-me boa viagem, bom Jambori e, mais que tudo — uma representação condigna dos escoteiros portugueses. «*Que iria fazer o meu melhor*», respondi-lhes. E deixei-os com saudade, rumo a Blantyre, onde pernoito e só saio no dia seguinte para Nairobi, no Quénia. No aeroporto de Chileka, no Malawi, ao sair para a cidade, o funcionário da alfândega pergunta-me se transporto armas. Respondo-lhe: «*Sou escoteiro e português!*» Faz-me sinal para seguir. De Nairobi, vou para Bombaim e ali tenho de permanecer 24 horas. Passei-as na sala dos passageiros em trânsito do aeroporto, em virtude de não ter «visto» para aquele país. Um guarda acompanha-me para todo o lado, nas instalações onde o acesso me é permitido. Pergunto-lhe se estou preso. Responde-me: «*Não, sòmente vigiado*». Era velhote, usava uma farda de ganga, grevas nas pernas, calçava sandálias e no peito ostentava uma condecoração. Falámos da sua família e, de vez em quando, vou dormindo estendido num sofá. Aliás pouco dormi, devido ao calor e ao muito movimento. Em certa ocasião, quando acordo, vejo que estou sendo vigiado já por outro guarda, mais novo, com quem não troco palavra. Um outro funcionário da alfândega ou da imigração vem trocar algumas palavras comigo. Fico bastante alegre quando, às 5 da manhã, sou chamado por um funcionário da *Air France*, que me avisa para preparar as malas para a partida.

E o nosso interlocutor continua a descrever a longa digressão:

— O avião leva-me a Banguecoque, na Tailândia, e passada uma hora, levanta voo com destino a Hong-Kong. Neste trajecto, cruzámos a zona conturbada do Vietname. Não fazemos rumo em linha recta, pois descaímos para o sul até à costa de Binh-Dinh e daqui directos à possessão inglesa. Em Hong-Kong, permaneço dois dias, que aproveito para visitar a cidade, percorrendo as zonas de maior interesse. Aprecio a arte chinesa, o movimento, o comércio, ando de *rikchó* e de barco. Visito a ilha de Hong-Kong, como o continente de Caulum. No terceiro dia, tomo o *Hydrofoil Ferry* e vou até Macau. Tinha grande vontade de falar português. É uma hora e um quarto de viagem a uma velocidade de cerca de 40 milhas horárias. Atracámos. Habituada a estas viagens, toda a gente sai. Devo ser o último a desembarcar. Eis-me no território onde foi iniciado o movimento escotista em Portugal. Estou em Macau! Estou em Portugal! Viva!... posso falar a minha língua materna!... Um condutor de táxi aproxima-se. «*Quero ir a tal direcção*», digo-lhe. Oh! desilusão. não me percebe! Falo-lhe em inglês. Retira-se. Vou junto do funcionário da imigração, que me parece bom transmontano. Explicou-me que o condutor do táxi só devia falar chinês. O funcionário faz-me o favor de pedir a um nativo que escreva a direcção em caracteres chineses e é esse papel que mostro ao condutor, o qual me leva a sítio certo, ao encontro de um amigo com quem já convivera em Moçambique.

E descreve a estadia em Macau desta maneira:

— Fui para um hotel onde só se falava chinês. Nas ruas, encontra-se pouco com quem falar na nossa linguagem. Até os próprios polícias não a entendem. Nos dois dias que estive nesta cidade, onde o comandante Álvaro de Melo Machado fundou o primeiro grupo de escoteiros em território português, verifiquei que não há uma mentalidade portuguesa, infelizmente.

E o nosso colaborador volta a falar de Hong-Kong:

— Depois de mais dois dias em Hong-Kong, tomo o avião, o qual me deixa, no dia 31, à tarde, em Tóquio! Quero contar, porém, um episódio passado na possessão britânica, em que enfiei um *barrete*. Falo dele para que, quem dele tomar conhecimento, não *caia* no mesmo erro: o sistema monetário em Hong-Kong é em dólares, dólares esses que, contudo, valem cerca de 6 escudos. Ora o *taxeiro* que me transportou do aeroporto até ao hotel, disse-me que lhe devia cinco dólares. Entreguei-lhe 10 dólares americanos e ele devolveu-me cinco, pondo-se imediatamente em marcha. Assim, paguei-lhe cerca de 137$50, quando a corrida custava só 30$00.

A chegada ao Japão

— Depois das formalidades nos serviços de saúde e de imigração e na alfândega, vou para uma enorme sala de espera onde fico impressionado com o modo como o povo japonês se cumprimenta. Para se saudarem, as pessoas ficam em frente umas das outras a fazerem grandes vénias, dobrando-se pela cintura. O aeroporto é de grande movimento e a sala está cheia de pessoas. Ao fundo, vislumbro fardas. Escoteiros, rodeados por muitas guias. Era um dirigente australiano, Robert Wood, e as raparigas eram guias das Filipinas. É com eles que vou contactar. Indicam-me o centro de recepção do Jambori que ali funciona para prestar auxílio aos escoteiros que chegam. Nesse dia, não consigo seguir para o Jambori, visto todos os autocarros e outros transportes estarem já reservados para as delegações que antecipadamente os tinham assegurado. No entanto, na esperança de qualquer vaga, fizeram-me espe-

Continua na pág. 6

CONFERÊNCIA MUNDIAL DO ESCOTISMO

ntinuação da página 1

gicos; coeducação em geral e no Es-tismo; actuação dos escoteiros em so de desastres; discriminação racial; odernização do Escotismo; uniforme; papel do Chefe-Escoteiro e o espí-to escotista.

Os estudos apresentados e interessa-amente discutidos atingiram elevado ível, destacando-se: Escotismo para Entendimento; Escotismo para o esenvolvimento (seu papel na juven-de de hoje e seus movimentos para progresso comunitário e formação a cidadania), adaptação do Escotismo s cidades, às regiões rurais e às desér-icas, grupos de ligação entre os esco-eiros dos diversos ambientes, actuação os escoteiros em ocasiões de graves mergências, contribuição do Escotis-no para a divulgação das normas de igiene e mentalização das populações m face de problemas sociais. Inte-essante notar que «Sempre Pronto» ainda recentemente sugeria que os es-coteiros se ocupassem de um trabalho de divulgação das regras de segurança em face das bombas de foguete e ou-tros explosivos, sugestão que, como é habitual, não mereceu o menor inte-resse de ninguém entre nós.

Novas Associações membros

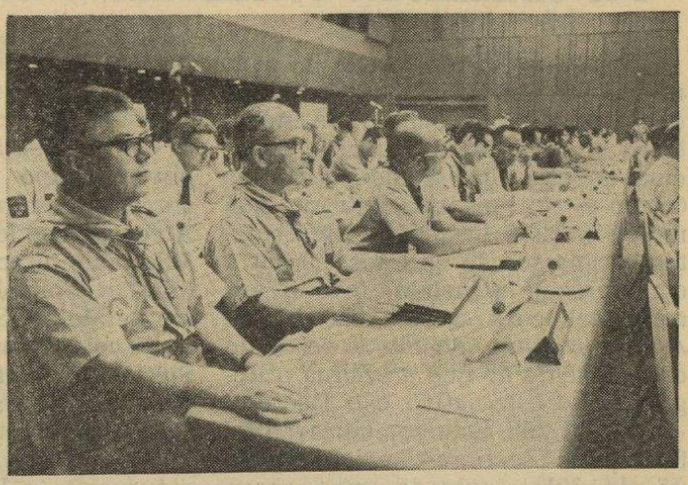
Tendo dado cumprimento às condi-ções de admissão, foram aprovados para membros da Fraternidade Mun-dial Escoteira as associações nacionais dos seguintes países: Bahrein, Cama-rões, Ilhas Fiji, Gabão, Lesotho e Ilhas Maurícias.

Foi excluída a Associação do Chile

A nota desagradável da Conferência foi o cancelamento do reconhecimento da Associação dos «Boy Scouts de Chile», uma das mais antigas, fundada em consequência de uma visita que Baden-Powell fez àquele país logo após a fundação do Movimento na Grã-Bretanha. A resolução foi tomada depois de estudos que se prolongaram ao longo de dois anos em que se pro-curou solucionar o problema de grave desentendimento e divergências com outras associações escotistas do Chile. Tendo falhado todas as tentativas de se conseguir uma federação, foi posto o dilema: aceitar um compromisso de entendimento ou cancelar o registo. Infelizmente foi esta a solução. No entanto, o mundo escoteiro espera que a situação seja ainda regularizada, para que a Associação do Chile volte a fazer parte da nossa Fraternidade.

Outras resoluções

Reconheceu-se a necessidade de in-crementar a colaboração activa de pro-fissionais de Escotismo, devidamente treinados, a forma mais eficiente das associações promove-rem as inadiáveis ta-refas que não podem ser executadas com o pouco tempo dispo-nível dos voluntários, embora os chefes das unidades e os dirigen-tes mais responsáveis continuem a ser vo-luntários.



Dois dos membros da nossa delegação à Conferência Mundial: à esquerda, o Eng.º José Maria Nobre Santos, tendo ao seu lado o Rev. Padre Américo Ferreira Alves

Foi também decidi-do aumentar as quo-tizações dos países membros, na base de uma quota por cada elemento inscrito na respectiva associação. Haverá, além disso, na mesma base, uma quota para os secretariados regio-nais, no nosso caso da Europa.

As próximas reuniões internacionais

As próximas Conferências Europeias de Escotismo efectuar-se-ão em 1972, em Istambul, e em 1974, em Estras-burgo. Em conjunto com esta, reu-nir-se-á a Conferência Europeia de Guias (Escoteiras). Dias antes da pri-meira e no mesmo local, realizar-se-á um Seminário dos Chefes Nacionais da Formação de Dirigentes. Também em 1972, reunirá na Inglaterra uma Conferência Europeia para Chefes da Divisão Escoteira, e em 1973 outra reunião idêntica na Alemanha.

A 14ª Conferência Mundial de Es-cotismo realizar-se-á em 1973, em Nai-robi, no Quénia, onde repousam os restos de Baden-Powell. A Conferência de 1975 será na Dinamarca.

O Jambori Mundial vai realizar-se em 1975 na Noruega, com o patrocínio dos países escandinavos: Dinamarca, Suécia, Finlândia, Noruega e Islândia.

Ano Europeu da Amizade

O ano de 1972 será o Ano Europeu da Amizade. Estão, por isso, em orga-nização várias actividades de todos os géneros para estreitar mais ainda os laços de amizade entre os escoteiros de todos os países da Europa. Certa-mente que as associações escoteiras portuguesas não vão ficar alheadas desta iniciativa e, oportunamente, se-rão promovidas actividades.

A Conservação da Natureza e as preocupações com a poluição foi outro dos problemas estudados, tanto mais que o Escotismo se pode orgulhar de, desde a sua fundação, ter despertado a consciência da mocidade para este problema, numa época em que ainda se não tinha dado a devida importân-cia ao assunto. Foi recomendado que se incrementassem actividades escotis-tas em todos os níveis para a conser-vação da natureza.

Conselho Mundial do Escotismo

A Conferência elegeu os cinco novos membros para os lugares que ficaram vagos por terem terminado os respec-tivos mandatos. Foram eleitos os diri-gentes escoteiros Edward Carty, do Canadá; *Sir* Bernard Chacksfield, Grã--Bretanha; Irving Feist, Estados Uni-dos; Dr. Farid Karam, Líbano; e Hartmut Keyler, Alemanha.

* * *

Os trabalhos decorreram no habitual ambiente de entendimento e amizade, tendo-se repetido as reuniões de con-vívio. A nossa delegação recebeu gen-tis convites da Federação dos Escotei-ros dos Camarões, da Embaixada da Noruega para uma recepção em con-sequência da aceitação do convite para aquele país organizar o próximo Jam-bori Mundial, e outros do Chefe do Governo Japonês, do Presidente da Câmara Municipal de Tóquio, etc.

O nosso delegado, Engenheiro No-bre Santos, apresentou já o seu rela-tório à Direcção dos Escoteiros de Portugal e numa nota distribuída para publicação termina com as seguintes palavras:

Não quero deixar de anotar quanto é necessário esforçar-nos para que possa-mos acompanhar o ritmo do Escotismo por todo o lado. É indispensável refor-çarmos em moldes eficazes o nosso tra-balho associativo, organizando-o o mais eficientemente e obtendo a colaboração de mais efectivos colaboradores. Se assim não fizermos, por nós, não conseguire-mos acompanhar o ritmo da evolução e do progresso que julgamos necessário.

«Temos que conseguir uma forte e bem orientada acção associativa, se-gundo planos bem elaborados, e, para

Continua na pág. 8

ESCOTISMO NO CACÉM

Foi oficialmente reconhecido o Grupo N.º 22

Nestas colunas, temos já dado notícia das actividades de Escoteiros de Portugal do Cacém, que se encontrava em fase de organização e iniciou a sua acção como secção do Grupo n.º 8. Pois esta unidade, que me se mostra bastante florescente, tendo uma secção no Cacém e outra em Massamá (Queluz), teve o seu reconhecimento oficial em 15 de Agosto passado, depois de ter dado cumprimento ao que preceitua o Regulamento associativo e o Decreto-Lei n.º 31 908. Esta comunicação foi feita pelo Escoteiro-Chefe-Geral em 15 de Julho passado, mas observou-se como data do reconhecimento o dia 15 de Agosto, já que a unidade tem como patrono Nuno Álvares Pereira.

O Chefe do Grupo é o nosso estimado amigo e assinante sr. João Fulberto Guerra Silva, que iniciou a sua vida escoteira na ilha da Madeira e foi também dirigente do Grupo 23.

Da Comissão Organizadora do novo Grupo fizeram parte os srs. Rev. Padre António Rodrigues Alves, pároco local; Rev. Padre Darci Vilarinho, director do Seminário das Missões Consolata; Dr. Aires António de Melo e Silva Biscaia, director da Escola Industrial e Comercial de Sintra; Dr. João Martins Fonseca, Leopoldo Soromenho Barbosa, presidente da Junta de Freguesia, José Duarte Paulo, Gustavo Esteves d'Assunção, o E. C. Fulberto Silva, e ainda as sociedades A. Duarte & Poças, Lda. e Horta Oliveira & Rodrigues, Lda.

O Grupo n.º 22 está publicando um jornal copiografado, intitulado «O Jamboree», de que já saíram três números, sempre melhorados, editados pela Secção de Massamá. O número 3, que temos presente, tem 10 páginas e um suplemento e insere colaboração variada escoteira e cultural, pela qual felicitamos os seus dirigentes. Agradecemos as referências feitas a «Sempre Pronto» e saudamos chefes e escoteiros do «22» pela filiação oficial que acabaram de obter, com votos de grandes êxitos e prosperidades para o Escotismo no Cacém e Massamá.

Portugal também esteve no XIII Jambori Mundial

Continuação da pág. 4

rar cinco horas no aeroporto, assim como a dois escoteiros do Quénia! Por volta das 7 da tarde, metemo-nos num táxi e vamos para o Centro Olímpico. Aí encontravam-se mais algumas centenas de escoteiros. O *Memorial Olympic Center* é a aldeia onde, em 1964, estiveram aboletados os atletas participantes nos Jogos Olímpicos de Tóquio e onde nesta altura podiam hospedar-se grandes delegações ou escoteiros isolados, por preços acessíveis às bolsas mais fracas. Ali estava organizado um grande centro de recepção do Jambori, cujo pessoal prestava toda a assistência aos visitantes. De Portugal, só contavam comigo, razão por que, cerca das 10 horas da noite, quando já me encontrava deitado, fui chamado ao centro de recepção. Ali, rejubilo de contentamento: vejo quatro escoteiros portugueses! Eram o Padre Américo Alves e o Padre Miguel e ainda os chefes de núcleo Manuel Faria, de Braga, e Joaquim Farinha, de Setúbal, todos pertencentes ao CNE. Como contavam sòmente comigo como representante de Portugal, tive de deslindar o caso. No entanto, a minha satisfação por poder falar a língua da minha Pátria com irmãos escoteiros portugueses com quem podia conviver alguns dias no Japão, faz-me esquecer do motivo por que tinha sido chamado: — explicar a presença ali doutros escoteiros portugueses além da minha. Até que sou chamado, um tanto bruscamente, por um recepcionista, a quem peço desculpa e logo compreende o motivo do meu comportamento. Tudo ficou resolvido ao explicar que em Portugal existem duas associações escotistas e que eu estava ali como representante da AEP e os outros membros serem representantes do CNE.

Cerca das 11 horas da manhã do dia 1 de Agosto, tomámos o autocarro que nos leva para Asagiri Heights. Foram cerca de duas horas e meia de viagem e, então, temos o célebre Monte Fuji mesmo à frente dos nossos olhos.



Na gravura, vê-se o nosso correspondente Manuel Rodrigues ao lado de Neil Armstrong, o primeiro homem a descer na Lua, e que é um dedicado e entusiasta antigo escoteiro, por ocasião da sua visita ao Jambori Mundial

No próximo número:

A chegada ao Jambori e os acontecimentos mais importantes ali ocorridos.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Elegância escotista

O nosso uniforme é, talvez, o mais airoso, prático, alegre e vistoso de todos os uniformes que a juventude pode usar em qualquer parte do mundo. Permite uma grande liberdade de movimentos na nossa vida ao ar livre e o seu uso acostuma-nos a não prestar excessiva atenção ao frio ou ao calor, ao sol ou à chuva. Os nossos braços ao ar livre proclamam que um escoteiro está sempre pronto a meter a mão a qualquer trabalho. O calção curto, o lenço ao pescoço e o nosso chapéu de quatro pancadas é talvez o mais característico do uniforme escotista. Muitos milhares de rapazes de todo o mundo têm e usam um uniforme de escoteiro, um uniforme que é quase idêntico, pois as suas modificações nalgumas nações não desvirtuam em nada o seu préstimo e simbolismo.

O uniforme caracteriza-nos e pelo uniforme nos conhece o público. Temos pois o iniludível dever de vesti-lo correctamente. O chapéu não pode levar-se pendurado no ombro, nem com as abas onduladas como um tobogã. O lenço no pescoço não é nem uma corda nem um chale, ainda que haja escoteiros qué assim o creiam. De igual forma, há aqueles que crêem que é muito elegante passear com as meias caídas e as mãos nos bolsos do calção (no meu país, o calção escoteiro só tem algibeiras na parte de trás). Também é um erro acreditar que o Escotismo está zangado com a limpeza; as manchas na camisa ou o barro nos sapatos nada de louvável dizem de um escoteiro.

Que pensaríamos de um general que levasse uma bota, a polaina sem apertar devidamente e o boné no ombro? Pois algo de semelhante pensa o público quando vê um escoteiro com o uniforme posto de qualquer maneira.

.....

Por próprio decoro, por prestígio do nosso Movimento, todos temos o dever de vestir correctamente o uniforme e comportar-nos como aquilo que somos, como escoteiros. A coisa não é assim muito difícil; porque não nos pedem filigranas nem elegâncias caras. Só se nos pede limpeza, cada peça bem colocada e aprumo para as levar.

Enrique Genovés
«Ojo de Lince»

DOS AÇORES

Visita do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal à Ilha do Faial

Conforme noticiámos, uma deputação de Escoteiros do Grupo 52, de Angra do Heroísmo, constituída por quinze elementos, acompanhados pelo chefe Moniz Silva e pelo chefe-adjunto Ludgero Morais Moreira, chegou no dia 3 de Agosto passado à cidade da Horta, para uma visita cultural. Eram aguardados no cais de Santa Cruz pelo antigo escoteiro do Grupo 45, daquela cidade, sr. Francisco Leandro Rodrigues, representante local do «52», e por uma delegação do Agrupamento do C. N. E. das Angústias, que tributou aos Escoteiros de Portugal carinhosa recepção. Na sede deste agrupamento, foi servido um chá, que esteve bastante animado, durante o qual o E. C. Moniz Silva agradeceu a recepção e saudou os presentes, tendo respondido o Assistente do Agrupamento, Rev. Padre Júlio de Sousa.

No dia seguinte, os rapazes dirigiram-se à modelar Quinta de S. Lourenço, nos arredores da Horta, onde funcionam vários serviços da Junta Geral da Horta, e onde, por amável deferência do respectivo presidente, sr. Dr. Manuel Linhares de Andrade, os Escoteiros Angrenses ficaram acampados, junto ao Mirante Norte, frente a um maravilhoso panorama, composto pela cidade da Horta e baía, em baixo, tendo por fundo o mar imenso e a Ilha do Pico, encimada pela sua imponente montanha — a maior elevação de Portugal Metropolitano, 2284 metros!

Todo o pessoal da Quinta de S. Lourenço, desde os chefes de serviços, até aos trabalhadores, foram duma simpatia e amabilidade cativantes, tornando, consequentemente, bastante agradável a estadia dos visitantes.

No domingo, 8 de Agosto, realizou-se na quinta uma festa votiva ao seu patrono, S. Lourenço, a expensas da Junta Geral do Distrito. Compôs-se de missa a que assistiram, além dos seus promotores, muitas outras pessoas dos arredores, seguida de procissão, que percorreu parte da quinta.

Durante toda a tarde, os escoteiros de Portugal tiveram o prazer de verem o seu acampamento muito visitado por inúmeras pessoas que se quiseram identificar com a forma como os escoteiros angrenses estavam instalados e como cumpriam o seu programa campista.

Na segunda-feira, 9 de Agosto, aos rapazes foi proporcionado um passeio em volta da ilha pelo sr. comandante da Bataria, com demora no museu do Vulcão dos Capelinhos, terminando com um lanche nas Termas do Varadouro — Capelo, oferecido pelo mesmo senhor aos escoteiros.

Na manhã do dia 10, os escoteiros de Portugal, que conviveram de perto com muitos jovens da ilha do Faial, partiram no iate «*Espírito Santo*», a caminho da ilha Terceira de Jesus, onde chegaram à noite, terminando assim uma útil e interessante actividade.

Filme do Jambori de 1957

Este filme, que só agora se conseguiu trazer aos Açores, e que já havia sido exibido na sede do Grupo 80 dos Escoteiros de Portugal, em Ponta Delgada, em Julho passado, durante uma visita particular que o chefe do 52 fez àquela cidade, foi agora exibido na ilha do Faial.

Começou por ser apresentado na sede dos escutas, nas Angústias, no dia 6 de Agosto, com uma casa repleta. Depois, no dia seguinte, foi levado, em matiné, com boa concorrência, no Salão do Cine-Teatro do Sporting Clube da Horta, por especial deferência da respectiva direcção, e nessa noite foi exibido no Centro Paroquial da Conceição. Finalmente, na véspera da partida, foi o filme apresentado aos componentes da Bataria da Costa, no Quartel do Carmo.

De todas as vezes, o filme foi devidamente comentado pelo E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que foi um dos chefes que acompanhou a delegação que representou o Escotismo Português, no Grande Jambori do Jubileu, realizado na Inglaterra em Agosto de 1957.

Colaboração

Os componentes do Grupo 52 da A. E. P., encontraram sempre a melhor colaboração por parte de todas as entidades a quem se dirigiram, durante a sua visita ao Faial.

Devemos, porém, destacar dois nomes: o sr. Francisco Leandro Rodrigues, funcionário municipal, antigo Escoteiro do Grupo 45 da AEP na Horta e membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros, que foi inexcedível em atenções de toda a ordem, e bem assim, o sr. Renato Manuel da Silva Cabral, empregado do sr. Dr. Sebastião Goulart e primo do E. C. Moniz Silva, que prestou sempre a melhor colaboração ao chefe do Grupo e aos escoteiros do 52.

Finalmente, a imprensa da Horta, nomeadamente, os jornais «O Telégrafo» e o «Correio da Horta», colaboraram gentilmente na divulgação da nossa actividade, e o Rádio Clube de Angra, sempre presente em todas as iniciativas, quer de carácter local, quer a nível açoriano. Além doutras notícias, transmitiu uma mensagem telefónica do Chefe do Grupo 52, dirigida às famílias dos escoteiros em Angra e aos simpatizantes do Movimento Escotista. — C.

Amigos em toda a parte

O Grupo de Escoteiros Suboficial Palmeira, de São Paulo, Brasil, Cidade 12 500 Guaratinguetá, está promovendo um concurso interpatrulhas de correspondência. O Escoteiro Luís Oliveira Júnior, guia da Patrulha Castor deste Grupo, escreve-nos a fazer apelo aos escoteiros portugueses para ajudarem a sua patrulha neste concurso. Ele propõe a troca de flâmulas, de lenços escoteiros, insígnias, etc., etc. Pede que lhe escrevam com urgência. Quem responde?

Também o Escoteiro Eduardo Durval, rua 15 de Novembro, 220 — Pelotas — R. S. no Brasil, pede correspondentes entre os Escoteiros Portugueses.

★

O dirigente escoteiro Gueber Lopes, assistente da chefia para os lobitos no Grupo 199 «Duque de Caxias» no Estado de São Paulo, tem muito interesse em corresponder-se com escoteiros portugueses, de preferência um chefe ou assistente de lobitos, pois gostaria de trocar impressões para o bom andamento da sua alcateia. Ele apresenta-se assim: «*Meu nome é Gueber Lopes, tenho 18 anos de idade, e estou cursando a 2.ª série do liceu. Moro em Promissão (Caixa Postal 63), Estado de São Paulo, Brasil.*

Pois aqui fica o apelo, aproveitando para agradecer e retribuir o «*mais fraternal abraço para todos os irmãos Escoteiros de Portugal*».

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Missão cumprida

Cumpriu o tempo de comissão no Ultramar, sendo desmobilizado no passado dia 15 de Setembro, o escoteiro do nosso Grupo Jorge Aníbal Franco Horta, filho do chefe Aníbal Rodrigues Horta.

Durante o tempo em que cumpriu as missões que lhe foram confiadas, fê-lo sempre com zelo e dedicação, pelo que mereceu a estima e consideração de todos os superiores e subordinados, sendo uma vez mais, distinguido com o seguinte louvor.

Louvo o furriel Miliciano N.º 70106368, — Jorge Aníbal Franco Horta, porque, tendo desempenhado as funções de sargento de alimentação da Unidade cerca de um ano, nunca se poupou a esforços para que todos os serviços relacionados com aquelas funções estivessem sempre em dia.

«Durante esse tempo foi por diversas vezes chamado para acumular com as funções que desempenhava outros serviços, nomeadamente — a P S V E, cooperando permanentemente na «Voz do 14» demonstrando com isso uma vontade férrea de bem cumprir, o que, aliado a uma educação esmerada e comportamento irrepreensível, o tornou merecedor da estima e consideração de todos que com ele tiveram de contactar.

Batalhão de Caçadores, 14 — Porto Amélia.

«O comandante»
Alexandre Pardal
Ten. cor.»

O nosso irmão-escoteiro seguiu, em gozo de férias, para a Rodésia, tendo regressado à sua residência na cidade da Beira.

O «84», em nome de todos os seus irmãos escoteiros, deseja-lhe um futuro risonho, felicitando-o pelo seu exemplar comportamento, demonstrando assim não ter esquecido a divisa de «Sempre Pronto» e os ensinamentos recebidos no Escotismo.

Representação

Em 2 de Outubro, este grupo fez-se representar na solene abertura de uma secção que *in loco* foi criada para funcionar a partir deste ano, enriquecendo assim o nível escolar desta vila. O grupo esteve representado por caminheiros, escoteiros, lobitos e avezinhas e por grande representação de aquelás. A saída foi dirigida pelo chefe de grupo Sr. Aníbal Rodrigues Horta.

Actividade nocturna

Por iniciativa do Chefe de Tribo, foi efectuada, no dia 9 de Outubro, uma actividade nocturna numa parte desta vila.

Tomaram parte 6 caminheiros, 13 escoteiros e o subchefe do grupo. A actividade consistia em descobrir dois agentes que estavam escondidos na zona verde da vila. Os escoteiros partiram da sede, divididos em duas patrulhas observadoras, que seguiram uma pista feita por outra patrulha exploradora. A pista levava-os ao sítio onde o agente se encontrava. No final, o subchefe dirigiu a palavra a todos os escoteiros que tomaram parte na actividade. O grupo encontra-se contente devido ao entusiasmo com que os escoteiros andam a trabalhar. Oxalá que tal vontade não seja em vão.

Correspondente
Vítor Vergamonta

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

O XIV JAMBORI NO AR

A participação dos portugueses parece ter sido muito feliz

As primeiras notícias que nos chegam após a realização do 14.º Jambori no Ar parecem ser muito animadoras quanto aos resultados colhidos pelos escoteiros portugueses na sua participação nesta actividade mundial dos escoteiros.

O organizador nacional sr. Justino Estêvão da Silva está esperançado em que este ano voltem os nossos escoteiros a marcar uma posição de realce neste acontecimento.

Os órgãos de informação dedicaram uma atenção digna de enaltecimento a esta actividade. Destacam-se as belas reportagens publicadas pelos jornais «O Século», «Época» e «Jornal de Notícias».

O Rádio Peninsular entrevistou o organizador nacional e um dos radiamadores que colaboraram nesta iniciativa dos escoteiros. A Rádio Televisão Portuguesa também dedicou ao acontecimento uma atenção muito meritória.

A Organização Nacional publicou uma nova edição do opúsculo «Como participar no Jambori no Ar» muito aumentada e recheada de úteis informações, bem como de excelente aspecto gráfico.

No próximo número, referir-nos-emos mais detidamente a este importante acontecimento.

Se não deixar de fumar...

Os cientistas alarmados com os efeitos do tabaco

Quatrocentos delegados de vários países estiveram reunidos em Londres na II Conferência Mundial sobre o Tabaco e a Saúde.

Um dos delegados, o americano Dr. Ernest Winder, perito na matéria, afirmou que, quem não quiser deixar de fumar, deve observar as seguintes regras, no caso de desejar viver (um pouco) mais tempo:

— Primeiro, e antes de mais nada, não engula nunca o fumo.
— Chupe menos fumaças de cada cigarro.
— Nunca fume um cigarro até ao fim,
— Fume só cigarros com fraca concentração de nicotina.
— Fume de preferência cachimbo ou charuto mas moderadamente.
— Finalmente, fume menos, seja qual for o tabaco utilizado.

Tudo isto fará menos — mas apenas menos — mal à sua saúde, se você teimar em fumar, diz o Dr. Winder em conclusão.

Contudo, como é de pequenino que se torce o pepino, vários peritos britânicos frisaram que o principal alvo da campanha contra o tabaco deve visar os adolescentes. «É preciso dizer aos jovens que fumar não é de homem».

DE MÊS PARA MÊS

MAIS ALTO E MAIS ALÉM!



Regressaram já do Japão os nossos felizes camaradas que ali participaram no Jambori Mundial e na Conferência Mundial de Escotismo. Todos eles nos contam, com entusiasmo, os extraordinários progressos do Movimento e o entusiasmo que reina entre as diversas associações e nos organismos que orientam o Escotismo mundial procurando novos caminhos, melhores e mais actualizados métodos de actividade, no reconhecimento unânime de que os princípios básicos de Baden-Powell, porque são profundamente humanos, são permanentes e sempre actuais.

Assiste-se, por isso, a um rejuvenescimento do Escotismo e a um surto de progresso, que se traduz em novas iniciativas, em constantes actividades, em novos caminhos. Um movimento de juventude tem de estar em constante acção e em contínuo renovamento se quiser reter o interesse e o entusiasmo dos novos.

E nós, Escoteiros de Portugal, que temos feito, que estamos fazendo, que vamos fazer?

Merece a pena meditar um pouco nisto.

Uma nota afectuosa para o nosso Wolfgang Karl

Mais uma vez vejo o nome germânico deste nosso estimado companheiro dos «Amigos-Sempre-Actuais», a propósito da romagem de saudade, em que tomou parte, à sepultura do amigo E. C. Eng. Brotas Cardoso. Isto me oferece oportunidade para me referir ao nome de Wolfgang, com inicial banida do alfabeto português, com a qual a cada momento tropeçamos.

É bem sabido e aceito que os nomes de baptismo não se traduzem; mas a maior parte deles têm equivalentes em outras línguas. Exemplo clássico é aquele a quem chamamos Carlos V, de que os franceses fizeram um «enxerto» tradicional: «Charlequint». E um Carlos anterior, Imperador de gauleses e alemanes, por ambas as bandas reivindicado, é Karl du Gross ou Charles Magne.

Sucede que há-de haver três quartos de século achei eu tão curiosas as dimensões do nome oficial de el-rei D. Carlos, que o decorei. Aqui vai, de memória: «Carlos Fernando Maria Luís Vítor Miguel Gabriel Rafael Gonzaga Xavier Simão Júlio Volfango...» etc. Logo, e em altas esferas, as da realeza, o nome do nosso amigo teve equivalente. É claro continuará a ser o nosso Wolfgang; mas quem não tenha ouvido pronunciar o seu nome não tomará a inicial dele pelo «u» britânico mais conhecido, o doblevê.

EDUARDO MOREIRA

Conferência Mundial do Escotismo

Continuação da pág. 5

além da nossa associação, trabalharmos mais em combinação com o CNE, sob uma Federação mais ou menos extensa, conforme as necessidades».

Estas palavras são muito judiciosas e merecem ser ponderadas por todos aqueles que têm responsabilidade no Movimento, mas nada resolverão se ficarem só em sugestão, em pareceres, e não passarmos decididamente à acção. O tempo da inactividade foi já demasiadamente longo para poder continuar sem grave prejuízo para o Movimento.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00